

PROJETO DE LEI Nº ____/2025

Denomina de “Praça Júlia Augusta de Medeiros” a Praça sem identificação localizada na Rua Doutor Paulo Viveiros.

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DO NATAL, no uso de suas atribuições legais, faz saber que a Câmara Municipal de Natal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica denominada de “Praça Júlia Augusta de Medeiros” a Praça sem identificação situada à Rua Doutor Paulo Viveiros, localizada no bairro Petrópolis, CEP 59012-350, conforme a Lei n.º 5.089/1999.

Art. 2º O Poder Público Municipal afixará placa indicativa com a denominação disposta no artigo anterior.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões da Câmara Municipal de Natal,
Plenário Vereador Érico Hackradt – Palácio Padre Miguelinho,
Natal, 06 de julho de 2025.



Brisa Bracchi
Vereadora PT

JUSTIFICATIVA

Senhor Presidente, Senhoras Vereadoras e Senhores Vereadores,

Primeiramente, acerca dos aspectos legais e do respeito à legislação municipal, é importante salientar que o projeto atende aos requisitos elencados na Lei Ordinária n.º 5.089/1999, em especial, o disposto no art. 3º da norma, que versa sobre a denominação de rua ou logradouro público, em razão da Praça a ser nomeada não dispor de identificação.

Acerca da justificativa e da biografia da homenageada, trago abaixo os elementos que consubstanciam a referida homenagem, entendendo mais que merecida e necessária.

Júlia Augusta de Medeiros nasceu, na Fazenda Umari, em Caicó, em 28 de agosto de 1896, filha de Antônio Cesino (18?? – 1926) e Ana Célia Amélia Medeiros. Segundo Guerra Filho, foi “quem sabe a mulher do século de Caicó”.

Ao lado de mulheres como Dolores Cavalcante (1885 – 1968), Maria Carolina Wanderley Caldas (1876 – 1954), a Sinhazinha Wanderley; e a poeta e jornalista Palmyra Wanderley (1894 – 1978), desempenhou um papel fundamental para a conquista do direito à educação das mulheres do Rio Grande do Norte. Também lutou pelo voto feminino. Era uma idealista e sua atuação contribuiu para a construção da educação e do direito da cidadania da mulher.

Júlia foi alfabetizada em casa por Misael de Barros, um professor particular, denominado mestre-escola, um privilégio da elite rural. Para tornar-se professora, ainda adolescente e já órfã de mãe, Júlia foi estudar no Colégio Nossa Senhora da Conceição, em Natal, onde morou com o professor de português Joca Vicente, amigo de sua família. Em 1921, aos 25 anos, foi estudar na Escola Normal, também na capital.

Nos anos em que morou em Natal, além de estudar, Júlia participava das atividades culturais e sociais da cidade. Era amiga da poetisa Palmyra Wanderley, do deputado, senador e governador do Rio Grande do Norte entre 1924 e 1927, José Augusto Bezerra de Medeiros; de Juvenal Lamartine, governador do estado entre 1928 e 1930; e do professor e jornalista Amphilóquio Câmara, dentre outros.

Júlia retornou ao Caicó, em 1926, e, apesar da desvalorização do magistério pelo abandono dos homens desta profissão, tornando-se professora Júlia pode atuar na vida pública da cidade. De personalidade forte e considerada muito inteligente, culta e elegante, seu comportamento em Caicó era revolucionário: vestia roupas que mostravam costas e pernas e usava a cor preta fora do luto. Os cabelos, curtos. A moda era um indício de sua busca pela emancipação feminina.

Segundo relatos de ex-alunos, as aulas de Júlia eram divertidas e ela era disciplinadora, afetuosa, dinâmica e enérgica. Usava a Nova Cartilha Analítico-Sintética e a Cartilha Ensino-Rápida de Leitura, ambas do educador paulista Mariano de Oliveira. Em outubro de 1926, tornou-se 2ª secretária da Associação Educadora Caicoense.

Erudita e excelente oradora, representava as professoras nas festividades do colégio e estava sempre presente nos eventos em torno de visitas de pessoas importantes à cidade como em agosto de 1926, na ocasião da visita do presidente eleito Washington Luis, à cidade, especificamente ao Educandário Santa Terezinha, organizada por uma de suas irmãs, Otávia Benigna; da feminista e bióloga Bertha Lutz, em campanha pelo voto feminino, em agosto de 1928, mesma época em que discursou na inauguração, no Sítio do Arroz, da primeira pista de pouso da cidade, quando aterrissou em Caicó um avião trazendo a bordo o governador do Rio Grande do Norte, Juvenal Lamartine; e do presidente Getúlio Vargas, em 1933. Em outra passagem pela cidade, o governador Lamartine foi de novo saudado por Júlia.

Começou a publicar artigos de sua autoria no ano de fundação do periódico, 1926. Júlia advogava e representava a conquista do direito à educação para as mulheres e o acesso às letras. Os assuntos mais abordados em seus artigos para o jornal eram sobre modernidade e a mulher na sociedade, religiosidade e fé, e sentimentos como o amor e a solidão. Também reivindicava a participação feminina no jornalismo.

Júlia foi a primeira mulher de Caicó a se alistar e a votar, o que ocorreu nas eleições de 5 de abril de 1928. O sufrágio feminino era uma de suas lutas. Júlia recebeu um telegrama de Bertha Lutz, datado de 4 de março de 1928, felicitando-a pelo alistamento e a convidando para tornar-se sócia da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, presidido por ela.

Em torno de 1940, Júlia passou a administrar o Hospital do Seridó – inaugurado pelo presidente Washington Luís, tendo sido a primeira mulher a atuar na administração pública de uma instituição de Caicó. Ficou no cargo por volta de quatro anos. Aos 55 anos, afastou-se do Grupo Escolar Senador Guerra e candidatou-se a vereadora nas eleições de 1951. Foi eleita e reeleita para o mandato de 1954-1958. Encerrou sua carreira política e, na época, por estar cansada e doente – com lapsos de memória e indícios de insanidade mental – afastou-se de todas as suas atividades, ficando reclusa em sua casa.

Em 1960, a família a leva para Natal, entendendo ser essa a melhor opção. Júlia passa a morar sozinha, por vontade própria, em uma casa de frente para o rio Potengi, na rua da Misericórdia, bairro Cidade Alta. Ganhou o apelido de “Rocas-Quintas”.

Natal, década de 60, em algum lugar entre os bairros das Rocas e Quintas. Garotos se divertem provocando uma senhora trôpega, suja e maltrapilha. Os meninos fazem coro: “Rocas-Quintas”! E ela, com o dedo em riste, revida: “Me respeitem, que eu tive vida importante”! A zombaria continua, e a mulher, que se tornou folclórica por fazer todo santo-dia, a pé, o mesmo itinerário da linha de ônibus Rocas-Quintas (daí o apelido), retoma as passadas ligeiras e nervosas, parando sempre para catar lixo e restos de coisas podres.

Faleceu, em 29 de agosto de 1977, no Hospital das Clínicas de Natal. Em sua certidão de óbito a causa de morte é envenenamento, seguido da interrogação: suicídio? Assim terminava a vida de Júlia de Medeiros, uma vida entre a visibilidade e o anonimato, morre como a mendiga Rocas-Quintas. Louca, pobre, esquecida e insultada; excluída da sociedade e da história.

Neste sentido, apresentamos a presente proposição para análise das e dos pares que compõem esta Casa do Povo, e aproveito a oportunidade para reiterar os protestos da minha perfeita estima e distinta consideração.

Sala das Sessões da Câmara Municipal de Natal,
Plenário Vereador Érico Hackradt – Palácio Padre Miguelinho,
Natal, 06 de julho de 2025.



Brisa Bracchi
Vereadora PT